



## O DESRESPEITO AS DIFERENÇAS NA CULTURA INDÍGENA

Rauany Lopes Gomes<sup>\*</sup>

Rúbia Beatriz Renner de Aguiar<sup>\*\*</sup>

Ivone Jesus Alexandre<sup>\*\*\*</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir sobre como alguns grupos sociais sofrem com o racismo, a discriminação e a intolerância e de como isso influencia deixando marcas profundas no ser humano. Abordaremos a sociedade indígena, um pouco de sua história, de sua cultura e a percepção da população de não índios sobre os mesmos. Esperamos que a leitura deste artigo possa sensibilizar as pessoas para que elas criem novas imagens a respeito dos índios brasileiros construindo relações de respeito com essas sociedades.

**Palavras-chave:** Educação. Multiculturalismo. Sociedade Indígena. Diversidade cultural.

### 1 INTRODUÇÃO

A sociedade vem passando por inúmeras transformações que nos faz refletirmos sobre a emblemática dos movimentos multiculturais. Nosso país é pluricultural e lamentavelmente não valorizamos essa característica, por isso é pertinente que cada ser humano reflita sobre sua percepção da diferença em nossa sociedade.

A diversidade de culturas precisa ser conhecida e valorizada pelas pessoas, desde a mais tenra idade, para que possamos construir uma convivência saudável entre homem e homem e homem com a natureza. As relações se constituem através das diferenças existentes

---

\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UNEMAT). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UNEMAT). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduanda em Educação a Distância pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Mestrado em Educação pela UFMT/Cuiabá. Professora Assistente na UNEMAT/Juara e atua na área de Metodologia de Ensino.

no meio social, onde convivem: os índios e os não índios; os negros, os brancos, os homens, as mulheres; os homossexuais e os heterossexuais; os jovens, as crianças, os adultos e os idosos.

Neste artigo abordaremos alguns aspectos das sociedades indígenas que sofrem ainda um grande descaso social, segundo Gonçalves e Silva (2003, p.112):

O retorno a essa questão se faz necessário uma vez que hoje, traduções dos movimentos multiculturais em todo mundo, tem fortes repercussões na educação formal, na mídia e, sobretudo nos meio artísticos, ou seja em formações sociais, que tem grande poder de sublimar lutas, por vezes ferozes que vitimam muitas pessoas nas teias do racismo, da discriminação e da intolerância.

Pensando nessas diferenças emblemáticas na sociedade podemos refletir sobre o que podemos aprender no diálogo com os povos indígenas? Será que já não é a hora de provocarmos as populações para romperem as ‘cegueiras’ dos preconceitos, do pensamento único e da sobreposição da cultura branca, ocidental e muitas vezes machista, para o diálogo coletivo, o respeito mútuo?

É preciso avançar em pesquisas e estudos sobre etnias indígenas, as diversidades produzidas no tempo e no espaço, pois são fatores importantíssimos para a construção de novos paradigmas educacionais e concepções acerca da temática indígena.

O confronto deixado pelo colonialismo sobre a imagem do índio, as políticas e relações entre os grupos indígenas ficaram esquecidas. Percebe-se que desde o processo de colonização do século XV o interesse para com os povos indígenas foi um só: “domínio político, econômico e religioso, ignorando suas diferenças lingüístico-culturais”. (OLIVEIRA, s.d, p.01).

As populações indígenas, geralmente, são vistas pela sociedade brasileira com preconceito e idealismo. Podemos observar na mídia como a imagem do índio vem sendo construída, a partir do ponto de vista do branco, a temática somente aparece quando envolve conflitos por terras, quando existe alguma ameaça com brancos e madeireiros, como o caso da nossa região, por exemplo. Por possuírem uma única imagem do índio, as pessoas, muitas vezes, têm se assustando com as novas imagens possibilitadas por estudos das mais diversas áreas.

## **2 IMAGENS INDÍGENAS**

Hoje em dia, faz-se necessário construir diferentes imagens dos povos indígenas brasileiros. Imagens que devem ser criadas no contato do branco com as diferentes sociedades

indígenas. A imagem do ‘índio’ classifica-se dentro de uma categoria como se fosse um produto da relação colonial, escondendo a diversidade cultural e étnica de suas populações. Por isso, é preciso pluralizar o termo indígena para indígenas, dadas as etnias possuírem diferentes culturas e maneiras de vivenciarem suas vidas.

Os índios fazem parte da nossa história, cuja dimensão de vida, de relações sociais, dos seus costumes, de suas comidas, de seu vocabulário, de qualquer forma, está presente na nossa vida.

É necessário refletir sobre a forma do olhar indígena, sobre o seu mundo e sobre o que deseja falar ao mundo dos de fora. O que as sociedades indígenas esperam da sociedade envolvente, não é que lhes (re)ensinem suas tradições, nem que os não-índios determinem os traços culturais a serem preservados, pois esta seleção e adaptação só pode ser realizada plenamente pelo próprio grupo indígena. O que elas esperam é o respeito às suas diferenças, acesso aos conhecimentos e técnicas “habitualmente manipuladas pelos brancos” desde que seus direitos e tradições sejam preservados (GALLOIS, 1992, p. 132).

É importante lembrar que os indígenas fazem parte de nosso país e participam da elaboração de leis, elegem candidatos e compartilham problemas semelhantes como poluição ambiental, educação, saúde. Hoje, há um movimento de busca de informações atualizadas e confiáveis sobre os índios, um interesse em saber, afinal, quem são eles? Esperamos que a leitura deste artigo suscite outras questões no leitor e que possamos despertar um sentimento de respeito à questão indígena, para que possamos apresentar os retratos das culturas indígenas, na diversidade de seus traços, no brilho de seus olhos e no clamor de seus direitos!

A **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada no ano de 1988, assegura aos índios o direito de manterem a sua alteridade cultural e institui como dever do Estado, a tarefa de proteger estes grupos. Os índios não podem ser respeitados somente por serem os primeiros habitantes do Brasil e sim por descobrir como viver uma relação mais respeitosa com a natureza, desenvolver no dia a dia o cuidado eficaz de saúde preventiva, priorizar a atenção com as pessoas mais velhas e o carinho com as crianças, sem falar na abertura a uma mística de amor que permeia a vida inteira, seus costumes, seu vocabulário e suas crenças algumas até incorporadas à nossa sociedade.

O que os ‘não-índios’ acreditam saber sobre a cultura indígena, muitas vezes são somente fatos fragmentados, histórias superficiais e imagens genéricas empobrecedoras da realidade. Logo, quando começamos a estudar os livros didáticos já encontramos divergências nos fatos, quando não tratamento preconceituoso ou a maneira desinformada com a qual tratam do assunto desde à época do descobrimento. A mídia pouco contribui para uma melhor

compreensão indígena, além de mostrar fatos corriqueiros, como brigas por territórios e também por mencionar nome das ‘tribos’ trocadas, grafadas ou pronunciadas de maneira aleatória.

Os índios, apesar de serem considerados minoria da população vêm criando cada vez mais instrumentos de interlocução com os brancos, visando à garantia de seus direitos e a defesa de seus interesses. No livro **As leis e a educação escolar indígena** produzido pelo Ministério da Educação, o professor (Silva 2002,p.4) destaca:

Apesar das adversidades que condenam ainda há marginalização e ameaçam de extermínio os povos indígenas, estes continuam resistindo, de formas diferentes, através da multiplicação de suas organizações, da luta pelo reconhecimento e respeito de seus direitos tanto no plano nacional quanto internacional.

As organizações indígenas têm viabilizado projetos de alternativas econômicas, cuja sustentabilidade possa conciliar a obtenção de renda, a proteção de suas tradições, acesso a tecnologias e a preservação da natureza.

É necessário conhecer a história dos indígenas para sensibilizarmos e praticarmos ações benéficas para com eles. ‘Índio’ foi o nome designado aos habitantes das Américas pelos europeus que aqui chegaram, uma denominação genérica, homogênea, pela impressão que eles tiveram de haverem chegado às índias, negando as variedades culturais, sem qualquer interesse de raça, cor, costumes de etnias entre os povos que aqui havia. Mesmo depois de descobrir que não estavam na Ásia e, sim em um continente até então desconhecido, os europeus continuaram a chamá-los assim, ignorando propositalmente as diferenças linguístico-culturais. Com desrespeito às diferenças, os europeus não davam importância para a cultura, pois eles queriam tomar posse de terras e riquezas, queriam que os ‘índios’ fossem apenas seus aliados, ajudando-os a conquistar o território. Os europeus acreditavam que os ‘índios’ seriam “cera fácil de modelar”, mas nos primeiros anos os jesuítas perceberam que a transformação dos gentios em cristãos não seria tão fácil assim. Inconstâncias foram trazidas pelos jesuítas no que se referia aos ‘índios’ como fraqueza de memória e de vontade, mesmo assim eles também reconheciam aspectos positivos nos indígenas. Como o fascínio pela onipotência divina, pela arte da escrita e da leitura. Estabelece-se, então, a oposição entre duas imagens: o bom índio e o mau índio. (VAINFAS, 1995).

Segundo o autor Maybury-Lewis (1992, p. 102). Os ‘índios’ foram usados como mão de obra dos colonizadores europeus. Mas, com a expansão das fronteiras brasileiras, discussões sobre o destino a ser dado aos gentios bravios que infestavam os sertões – ‘escravização e extermínio ou aldeamento e catequese’ - intensificam-se entre os defensores e

opressores da liberdade indígena. De “índio selvagem, canibal e índio civilizado, aldeado”, houve diversas discussões sobre políticas indigenistas, catequese e legislações que estabeleceram critérios para a definição da categoria índios.

Nas últimas décadas o critério da auto-identificação vem sendo aceita pelos estudiosos da temática indígena como sendo suficiente para a sua aceitação como tal. Segundo a Fundação Nacional do Índio, o antropólogo Darcy Ribeiro, nos anos 50, baseou-se na definição elaborada pelos participantes do **II Congresso Indigenista Interamericano**, para definir no texto:

[...] aquela parcela da população brasileira que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo o indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com quem está em contato.

Reconhecer o índio como cidadão, derrubar os preconceitos e inserir esse grupo no organismo político social gera, ainda, certo mal estar nas pessoas, apesar de terem sido massacrados e subalternizados, a sociedade branca não repensa na grande dívida social que tem para com esses povos. Ao contrário do que a sociedade pensa, que eles sempre têm que estar com os mesmos costumes e tradições, os povos indígenas busca cada vez mais o processo de inserção social. À medida que acontecem problemas nas aldeias e que podem ser solucionados, buscam conhecer os progressos da cidade, assim como o aprimoramento intelectual. Porém, o processo de migração vem causando grandes problemas, marcados historicamente como menores dentro de uma concepção ideológica que foi construída e que hoje está no imaginário das pessoas de uma forma discriminatória e excludente.

De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI 2010) os grupos de índios que aparecem na cidade, são percebidos pelo homem branco de forma estereotipadas, a imagem representativa que o homem branco faz em relação aos índios são de ladrões, traiçoeiros, preguiçosos e beberrões, enfim de tudo que possa desqualificá-los. Procura justificar, desta forma, todo tipo de ação contra os índios, principalmente quando se referem à invasão de seus territórios.

A nossa concepção hegemônica de poder e de legitimidade faz com que as pessoas se surpreendam com novas ideias de poderes e organizações. Temos que compartilhar e saber lidar com as diferenças, respeitá-las enquanto identidade, conviver e agregar valores entre culturas sem constrangimentos e perdas. Pensar na cultura indígena como um elemento agregador é pensar o mundo articulado.

É necessário estarmos abertos a novos paradigmas, mudar o imaginário que temos dos índios que os torna exóticos, selvagens e, ou até mesmo esquecê-los. Esquecer os índios é esquecer nós mesmos, é esquecer as nossas terras, as nossas raízes históricas. As pessoas consideram que os índios só devem ficar na mata, na aldeia, onde não incomodem ninguém. Entretanto, assim não é necessário enfrentar questões sociais, de quando os índios saem de suas tribos e vão a caminho de cidades próximas, ou até mesmo residem nas mesmas, as pessoas olham para eles com desrespeito, acarretando negligências e até mesmo atrocidades. É urgente no Brasil, reconhecer a diversidade cultural como uma união de sujeitos sociais, históricos e culturais que precisam ser respeitados em suas diferenças para a construção de cidadania. A sociedade vai se moldando e idéias desconhecidas no passado infelizmente ficam presentes, por isso se faz necessário mudar os livros de história que fala apenas de 1500 e jesuítas, tentando “civilizar”. É preciso parar de imaginar o índio como um ser de estudo antropológico, mas sim como um indivíduo que possui todos os direitos e deveres, um ser social que pode ter acesso a todos os meios de informação, tecnologia, educação, saúde e demais benefícios pertinentes a nossa sociedade.

Como ressalta Gallois e Carelli (1998), ao mesmo tempo em que a inserção das comunidades num universo de conhecimentos novos pode melhorar suas condições de interação com o mundo externo, pode também propiciar a passividade. Reforçando a ideia de novas políticas educacionais, prática da análise e discussão do que provém de fora, de outras pessoas, é preciso também respeitá-los para que haja sabedoria e compreensão entre tais sociedades, que apesar de parecer tão diferente, possuímos os mesmos problemas políticos, econômicos e sociais. Refletir sobre os povos indígenas se tornou necessário para o convívio construtivo entre segmentos diferenciados da população brasileira.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conhecer a cultura dos povos afro-brasileiros e dos povos indígenas é importante para conhecermos a nossa própria história, a nossa formação atual. Para entendermos como nós somos hoje precisamos entender o que herdamos dos povos indígenas e africanos, porque essa herança embora seja desconhecida está em nossas relações sociais, na nossa cultura musical e literária. A expectativa maior da Lei 11.645/08 é a diminuição do preconceito. E o preconceito é fruto da falta de conhecimento, pois quando as pessoas conhecem um determinado grupo social fica mais fácil extinguir noções e comportamentos preconceituosos.

Quanto mais conhecemos a realidade em que vivemos, a diversidade existente, mais reflexivos e humildes nos tornamos, nos direcionando para uma educação melhor e para uma sociedade mais justa, que respeite os costumes de cada sociedade e suas tradições.

A humanidade precisa ter um ponto de equilíbrio, saber que cada um tem o direito de viver, ser sábia e prudente, se sensibilizar para uma política universal de sistemas de educação que ensinem entender, compreender, aceitar, respeitando cada vez mais o próximo. É preciso que se compreenda o conjunto de novos conceitos, relações e visões que permita o respeito mútuo entre as pessoas.

## **DISRESPECT TO DIFFERENCES IN INDIGENOUS CULTURE**

### **ABSTRACT<sup>1</sup>**

The aim of this paper is to discuss about how some social groups suffer with racism, discrimination and intolerance and how this influence leaving deep scars in human being. We will discuss the indigenous society, a brief of its history, culture and the perception of non-indigenous population about them. We hope reading this article will raise awareness people in which they create new images related to the Brazilian indigenous building relationships of respect with these societies.

**Keywords:** Education. Multiculturalism. Indigenous society. Cultural diversity.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual.** Ministério da Educação. 3.ed. Brasília: MEC-SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes para a política nacional de educação escolar indígena.** Cadernos de educação básica, série institucional, vol. 2. Brasília: MEC, 1993.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6001, de 19 de dezembro de 1973. Estatuto do índio. Fundação Nacional do índio. Disponível em: < [http://www.funai.gov.br/quem/legislacao/estatuto\\_indio.html](http://www.funai.gov.br/quem/legislacao/estatuto_indio.html) >. Acesso em: 15 mar. de 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação Escolar Indígena.** In: Em Aberto Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: MEC/INEP, 1994.

---

<sup>1</sup> Tradução realizada por Marli Cichelero (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

\_\_\_\_\_ **Alfabetização ecológica.** A educação das crianças para um mundo sustentável. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

GALLOIS, Dominique Tilkin. De arredio a isolado: Perspectivas de Autonomia para os povos indígenas recém-contactados. IN: Grupioni, L.D.(Org.). **Índios no Brasil:** São Paulo.

MAYBURY-LEWIS, David. **Uma crônica amarga:** el Brasil y los índios. De Palabra y obra em el Nuevo Mundo. México: Siglo Veintiuno Editores, 1992.

GALLOIS, Dominique; CARELLE, Vicent. **Vídeo nas aldeias:** a experiência de Waiãpi. Revista Cadernos de Campo, vol 2: São Paulo: USP, 1993.

GONÇALVES, Luis Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Multiculturalismo e educação: do protesto das ruas as propostas e políticas. **Educação e Pesquisa**, Universidade de São Paulo. Revista de Faculdade de Educação da USP, vol 29, num. 001: São Paulo. Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Nanci Vieira de. **A memória indígena na era da informática.** Dep. de Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, (s.d).

VAINFAS, Ronaldo **A heresia dos índios.** Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.